

## Resenha crítica de

*Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx*, Helmut Reichelt

Hector Benoit\*

Título original: *Zur logischen Struktur des Kapitalbegriffs bei Karl Marx*

Publicação da Editora da Unicamp, Campinas/SP, 2013. Tradução de Nélio Schneider.

Não concordo, em parte, com Jorge Grespan, sobre o seu comentário na “orelha” deste livro, apesar de termos colaborado em muitos seminários sobre *O capital* durante uns anos e que o respeito como um dos melhores teóricos sobre Marx. Discordo do companheiro, em parte, naquilo que ele diz apresentando este livro. Diz Jorge Grespan que Helmut Reichelt “segue o caminho aberto por Rosdolsky na reconstrução do método crítico de Marx e vai além”. Escreve ainda Grespan que, para Reichelt, “(...) o flerte de Marx com a terminologia hegeliana visava a ocultar (grifo de HB) uma perigosa proximidade com a dialética idealista, uma coincidência entre a estrutura de *O capital* e da *Lógica* que, longe de ser negada, deve ser objeto de consideração cuidadosa”.

Confesso a Grespan, que, na minha opinião, nesse aspecto, não posso acompanhá-lo. Reichelt e Rosdolsky me parecem bem distantes, em primeiro lugar, porque uma afirmação dessa implica em ler a dialética a partir de Aristóteles e Kant, como uma lógica analítica. Porém, como diz o próprio Hegel, no final da *Ciência de Lógica*, foi Platão que criou a dialética, como confessou também Pierre Aubenque (um aristotélico). Diz lá Hegel e nas suas *Lições sobre a história da filosofia* (em citação livre): a dialética é uma ciência cujas formas platônicas vagaram por mais de dois mil anos baldias e incompreensíveis. Hegel as retomou e, como comenta Aubenque, Aristóteles quase não é citado na *Ciência da Lógica*. Lembro que nos *Cadernos Filosóficos*, Lênin copia a frase de Hegel atribuindo a Platão a criação da dialética.

Estas observações são importantes porque Rosdolsky foi um militante marxista da III Internacional, preso político na Segunda Guerra, assim como seguidor de Lênin e Trotsky, um dialético, analítico e sintético ao mesmo tempo (segundo Hegel, o momento superior da dialética), enquanto Helmut Reichelt não deixa de ser um (como ele próprio se intitula) “marxiano”, e não marxista, afastado da práxis. Reichelt certamente é analítico, enquanto discípulo da chamada “Teoria Crítica”. Esta teoria que nasceu inicialmente como crítica ao Partido Comunista Alemão e à URSS, foi, pouco a pouco, se afastando totalmente do marxismo e da crença no poder do proletariado como força transformadora da sociedade. Isto já fica claro na *Dialética do esclarecimento*, livro escrito por Adorno e Horkheimer e publicado em 1947. Para eles, os sistemas

---

\* Docente do Departamento de Filosofia, IFCH, Unicamp, e do conselho editorial de *marxismo21*

políticos e sociais são praticamente indiferentes, socialistas ou capitalistas. Já nessa obra, o marxismo praticamente desaparece de suas obras.

Na minha opinião, quilômetros de distância os separam, a Rosdolsky de Reichelt. Apesar de ambos estudarem os *Grundrisse*, os esboços de *O Capital* de Marx, no primeiro vejo uma visão militante revolucionária e realmente dialética (analítica e sintética), que tenta entender os esboços de *O Capital* e sua gênese. Para Rosdolsky não se trata de desconstruir *O Capital* a partir dos *Grundrisse*. No caso de Reichelt, vejo a tentativa de descobrir em *O Capital* uma lógica analítica “secreta” desvinculada de qualquer práxis. Rosdolsky tem suas raízes na III Internacional; Reichelt foi discípulo de Adorno e da Escola de Frankfurt, ou seja, jamais teve uma crença maior na revolução proletária e nos movimentos libertários. Basta lembrar que em 1969, Adorno chegou a chamar a polícia, quando estudantes invadiram a sua sala de aula. Assim, tanto Adorno como Reichelt representam marxianos quase ininteligíveis, herméticos, que inventam segredos na obra de Marx, talvez, para esconder o seu afastamento do marxismo militante, e não podem ser considerados propriamente marxistas. Reichelt sustenta que Marx “escondeu” o seu método, ou, como repito, diz Grespan na própria orelha do livro: “ocultou o seu método e não somente folheou a *Lógica* de Hegel, mas a teria estudado a fundo e a aplicado nos *Grundrisse* e em *O Capital*. Mas, nesta obra teria “mascarado” a dialética para não parecer idealista”.

Será que Marx mentiu para o seu melhor amigo, Engels, quando escreveu uma carta confessando que somente folheou a *Ciência da Lógica* em volumes que teriam pertencido a Bakunin? Aliás, esta é a epígrafe do livro de Reichelt: “No método de processamento, prestou-me um grande serviço o fato de eu *by mere accident* [...] ter folheado novamente a *Lógica* de Hegel”. Será que Marx teria mentido quando disse que no capítulo primeiro de *O Capital* apenas “coqueteou” com Hegel? Como se sabe, Marx escreveu e reescreveu muitas vezes esse capítulo primeiro, procurando a *lexis* perfeita à procura do modo de exposição que dá “a vida da matéria”, ou seja, um *logos* que é, como dizia Platão, um ser vivo, e que se vivificou, na I Internacional, em Lênin e Trostky, assim como na Revolução Russa e nas obras realmente militantes de Rosa e de Liebknecht. Penso que Marx jamais mentiu a Engels e assim não “ocultou” ou “escondeu” o seu método. Esta tese foi desenvolvida, de forma específica, por Reichelt em artigo posterior a este livro, publicado em português pela *Crítica Marxista*, mas, penso que tem razão Grespan ao já vê-la presente em *Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx*. Aliás, o próprio Reichelt, afirma isso literalmente já no prefácio da obra: “(...) Marx não facilitou as coisas para os seus leitores: por um lado, ele apresenta uma obra com um nível elevado de exigência científica; por outro lado, ele *esconde* justamente o método pelo qual se define a sua cientificidade” (p. 11). Essa é a tese principal de Reichelt durante todo o livro. Ele ainda acrescenta: “Marx simplesmente riscou passagens metodológicas essenciais para a compreensão do seu procedimento. Razões, amplitude e significado dessa *redução* ainda não foram esclarecidos. Porém, se quisermos investigá-la e reconstruir o método, evidentemente é preciso ater-se aos escritos em que ele se apresenta, por assim dizer, *não escondido*, a

saber, nos trabalhos diretamente preparatórios para *O capital*, ou seja, sobretudo no assim chamado *Rascunho (Rohentwurf)* [isto é, nos *Grundrisse*] (p. 11). Ainda acrescenta na mesma página que chave também seria o *Para a crítica da economia política*.

Na verdade, penso que os *Grundrisse* são a forma ainda analítica de *O Capital*, pois nos *Grundrisse* Marx ainda procura a sua *lexis*, analítica e sintética, fato este só atingido depois de muita luta e sofrimento teórico em *O capital*.

Li e reli este livro de Reichelt, para não ser injusto, mas uma das coisas que ficam evidentes da sua visão idealista é a concepção de que não ocorre nenhuma ruptura nas *Teses sobre Feuerbach*. Ora, Reichelt, no primeiro capítulo -- “A concepção materialista de história na obra inicial de Marx” --, fala dos *Manuscritos Econômicos* da época do jovem Marx e da *Questão Judaica* como se fossem textos comparáveis e contínuos à *Ideologia Alemã*. Para Reichelt, contrariando aquilo que disseram Marx e Engels, assim como muitos comentadores (entre eles, lembro Michael Löwy), ali, nas *Teses sobre Feuerbach*, Marx não ultrapassa o Rubicão para se tornar marxista? Mas, apenas alguns meses antes das *Teses*, como mostram várias cartas, o jovem Marx ainda endeusava a Feuerbach, inclusive escrevendo ao autor de forma extremamente elogiosa.

Porém, sem dúvida, o livro de Reichelt tem muitas qualidades. No capítulo segundo estuda a crítica de Marx aos Fisiocratas, a Adam Smith e a Ricardo, e cumpre seu papel de crítico da Economia Política Burguesa mostrando a naturalização das categorias burguesas que caracteriza a Economia Política. Nesta parte, o autor se apoia principalmente em *Teorias da mais-valia*. No capítulo terceiro, por outro lado, faz uma exposição categorial e observações importantes. Por exemplo, aquela de que o conceito de “circulação simples” praticamente desaparece em *O Capital*. Compreende Reichelt, assim, que a forma mercadoria é pressuposta pela produção e, portanto, pela separação entre produtores e meios de produção. Antes da chamada “circulação simples” está a história como pressuposta e, para Marx, a história é a luta de classes. A luta de classes está no interior da forma mercadoria e é a verdadeira propulsora de toda a lógica das categorias, desde a contradição valor de uso e valor. Esse é o “segredo” ou o “escondido” da forma mercadoria e da história ocidental.

O livro de Reichelt se caracteriza por longas citações de Marx, às vezes de página inteira, tanto dos *Grundrisse* como de *O Capital* e de *Teorias da mais-valia*. Mas somente no final do livro aparece palidamente a luta classes, ainda que não de maneira clara. Na página 262, citando Marx, ele escreve:

“Vimos como o dinheiro é transformado em capital, como por meio do capital é produzido mais-valor [observo aqui que o tradutor inovou, em vez de “mais-valia” ele traduziu por “mais-valor”], e do mais-valor se obtém mais capital. Porém, a acumulação do capital pressupõe o mais-valor, o mais-valor, a produção capitalista, e esta, por sua vez, a existência de massas relativamente grandes de capital e de força de trabalho nas mãos de produtores de mercadorias. Todo esse movimento parece, portanto, girar num

círculo vicioso do qual só podemos escapar supondo uma acumulação `primitiva' (....) prévia à acumulação capitalista, uma acumulação que não é o resultado do modo de produção capitalista, mas seu ponto de partida (23/741. Ed. bras.: *O capital*, vol. I, p. 785)".<sup>1</sup>

A seguir escreve o autor que “*esse ponto de partida do modo de produção capitalista, a separação entre os produtores e os meios de produção, é igualmente descrita por Marx ainda como resultado do movimento do capital (...)*”. Mas, não tira as consequências maiores dessa análise que aparece no capítulo XXIV do primeiro livro de *O Capital* e que são retomadas no capítulo 52 do livro III, quando Marx ia incluir as classes sociais, ou seja, a negação da negação, a expropriação dos expropriadores; a expropriação daqueles que expropriaram os produtores. Mas isso seria demais para um analítico de origem frankfurtiana.

Recebido em 5/8/2014

---

<sup>1</sup> O termo “acumulação primitiva” é um erro: a tradução correta de *ursprüngliche Akkumulation* é “acumulação originária”. *Ursprüngliche* tem o sentido de origem, fundamento, *Grund*, ou a noção fundamental da filosofia grega *arkhé*, ou seja, “princípio”, “começo radical de todas as coisas”, palavra da qual partiram Tales de Mileto, Parmênides e Heráclito, entre outros.